

PCILS

REDAÇÃO

L I N G U A G E N S

Programa de
**Capacitação
e Integração
de Lideranças
Sociais**

Professor:
José Landim e Gabriel Sena

Realização:

PECEP
pré-vestibular social

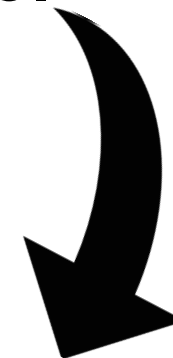
Patrocínio:

 **Rio**
PREFEITURA

INTEGRAÇÃO
METROPOLITANA


hizaFa.Rio

ARGUMENTO: afirmação que procura convencer o leitor sobre a verdade do que está sendo dito.



TEXTO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO: gênero textual que consiste na defesa de uma ideia por meio de argumentos, opinião e explicações

Competência I	Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da língua portuguesa.
Competência II	Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa.
Competência III	Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.
Competência IV	Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.
Competência V	Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos.

5 PERGUNTAS IMPORTANTES:

Qual é o problema?

Por que isso é um problema?

Por que esse problema existe?

O que apoia meu ponto de vista sobre o problema?

Como se resolve o problema?

Manipulação do comportamento do usuário pelo controle de dados na internet (2018)

ARGUMENTO 1: As fake news vêm se espalhando em redes sociais, influenciando o resultado de eleições com suas mentiras políticas.

ARGUMENTO 2: À medida que serviços de streaming de música e filmes são personalizados de acordo com o gosto do usuário, detectado por meio da fiscalização de seus hábitos, tende-se a uma estagnação cultural — o indivíduo só consome a arte que já está acostumado a consumir.

ARGUMENTOS DEDUTIVOS: Quando conclusão é **consequência lógica** de suas premissas (Ex: Silogismos)

Todo ser humano é mortal.
Gabriel é um ser humano.
Logo, Gabriel é mortal.

ARGUMENTOS INDUTIVOS: Permite chegar a uma conclusão que **muito provavelmente** é verdadeira. No entanto, a conclusão vai além do que o afirmado nas premissas (Ex: Pesquisas quantitativas, **Explicações**)

80% dos entrevistados afirmam que vão votar no candidato
Logo, 80% de todos os eleitores **devem** votar no candidato.

QUESTÃO 7 - 1o EQ UERJ 2013

Nós, escravocratas

Há exatos cem anos, saía da vida para a história um dos maiores brasileiros de todos os tempos: o pernambucano Joaquim Nabuco. Político que ousou pensar, intelectual que não se omitiu em agir, pensador e ativista com causa, principal artífice da abolição do regime escravocrata no Brasil.

- 5 Apesar da vitória conquistada, Joaquim Nabuco reconhecia: “Acabar com a escravidão não basta. É preciso acabar com a obra da escravidão”, como lembrou na semana passada Marcos Vinícios Vilaça, em solenidade na Academia Brasileira de Letras. Mas a obra da escravidão continua viva, sob a forma da exclusão social: pobres, especialmente negros, sem terra, sem emprego, sem casa, sem água, sem esgoto, muitos ainda sem comida; sobretudo sem acesso à educação de
- 10 qualidade.

Cem anos depois da morte de Joaquim Nabuco, a obra da escravidão se mantém e continuamos escravocratas.

Somos escravocratas ao deixarmos que a escola seja tão diferenciada, conforme a renda da família de uma criança, quanto eram diferenciadas as vidas na Casa Grande ou na Senzala.

- 15 Somos escravocratas porque, até hoje, não fizemos a distribuição do conhecimento: instrumento decisivo para a liberdade nos dias atuais. Somos escravocratas porque todos nós, que estudamos, escrevemos, lemos e obtemos empregos graças aos diplomas, beneficiamo-nos da exclusão dos que não estudaram. Como antes, os brasileiros livres se beneficiavam do trabalho dos escravos.

- 20 Somos escravocratas ao jogarmos, sobre os analfabetos, a culpa por não saberem ler, em vez de assumirmos nossa própria culpa pelas decisões tomadas ao longo de décadas. Privilegiamos investimentos econômicos no lugar de escolas e professores. Somos escravocratas, porque construímos universidades para nossos filhos, mas negamos a mesma chance aos jovens que foram deserdados do Ensino Médio completo com qualidade. Somos escravocratas de um novo tipo: a negação da educação é parte da obra deixada pelos séculos de escravidão.

- 25 A exclusão da educação substituiu o sequestro na África, o transporte até o Brasil, a prisão e o trabalho forçado. Somos escravocratas que não pagamos para ter escravos: nossa escravidão ficou mais barata, e o dinheiro para comprar os escravos pode ser usado em benefício dos novos escravocratas. Como na escravidão, o trabalho braçal fica reservado para os novos escravos: os sem educação.

- 30 Negamo-nos a eliminar a obra da escravidão.

Somos escravocratas porque ainda achamos naturais as novas formas de escravidão; e nossos intelectuais e economistas comemoram minúscula distribuição de renda, como antes os senhores se vangloriavam da melhoria na alimentação de seus escravos, nos anos de alta no preço do açúcar. Continuamos escravocratas, comemorando gestos parciais. Antes, com a proibição do

- 35 tráfico, a lei do ventre livre, a alforria dos sexagenários. Agora, com o bolsa família, o voto do analfabeto ou a aposentadoria rural. Medidas generosas, para inglês ver e sem a ousadia da abolição plena.

Somos escravocratas porque, como no século XIX, não percebemos a estupidez de não abolirmos a escravidão. Ficamos na mesquinhez dos nossos interesses imediatos negando fazer a revolução

- 40 educacional que poderia completar a quase-abolição de 1888. Não ousamos romper as amarras que envergonham e impedem nosso salto para uma sociedade civilizada, como, por 350 anos, a escravidão nos envergonhava e amarrava nosso avanço.

Cem anos depois da morte de Joaquim Nabuco, a obra criada pela escravidão continua, porque continuamos escravocratas. E, ao continuarmos escravocratas, não libertamos os escravos condenados à falta de educação.

CRISTOVAM BUARQUE

QUESTÃO 7 -1o EQ UERJ 2013

Somos escravocratas ao deixarmos que a escola seja tão diferenciada, conforme a renda da família de uma criança, quanto eram diferenciadas as vidas na Casa Grande ou na Senzala.

15 Somos escravocratas porque, até hoje, não fizemos a distribuição do conhecimento: instrumento decisivo para a liberdade nos dias atuais. Somos escravocratas porque todos nós, que estudamos, escrevemos, lemos e obtemos empregos graças aos diplomas, beneficiamo-nos da exclusão dos que não estudaram. Como antes, os brasileiros livres se beneficiavam do trabalho dos escravos.

No desenvolvimento da argumentação, o autor enumera razões específicas, facilmente constatadas no cotidiano, para sustentar sua opinião, anunciada no título, de que todos nós seríamos ainda escravocratas.

Esse método argumentativo, que apresenta elementos específicos da experiência social cotidiana, para deles extrair uma conclusão geral, é conhecido como:

- (A) DIRETO (B) DIALÉTICO (C) DEDUTIVO (D) INDUTIVO

O método dedutivo organiza-se a partir de premissas gerais que são confirmadas por premissas particulares para se chegar a uma conclusão.

A frase do texto que evidencia uma premissa geral é:

- (A) “Quando eu era criança, passava todo o tempo desenhando super-heróis.” (l. 1-2)
- (B) “Todo super-herói deve atravessar alguma *via crucis*.” (l. 9)
- (C) “São todos símbolos da solidão, da sobrevivência e da abnegação humana.” (l. 29-30)
- (D) “Não houve nenhuma literatura que tenha me marcado mais do que essas histórias em quadrinhos.” (l. 47-48)

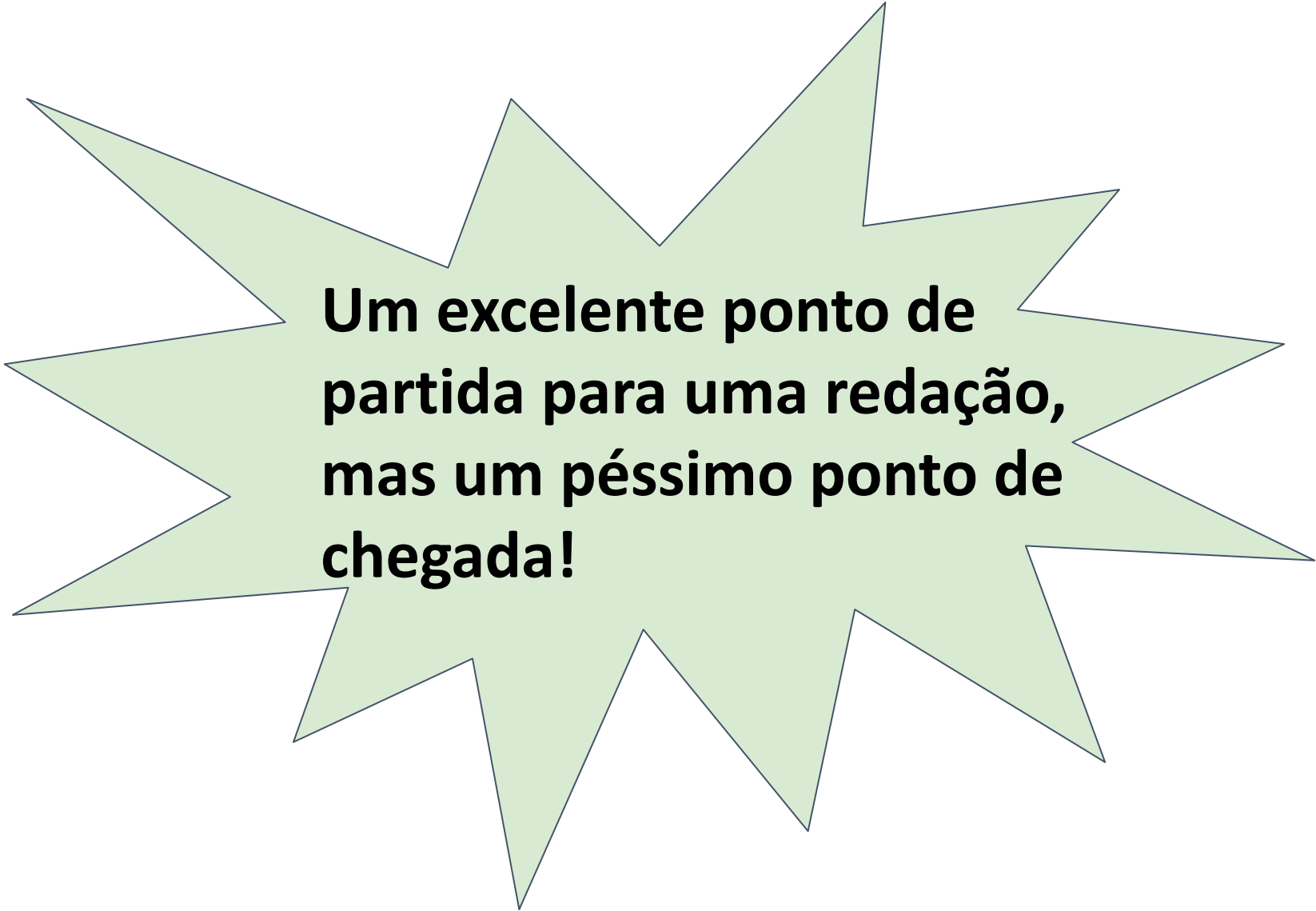


“Sei nem o que é isso aqui”



**SENSO
COMUM**

**são esquemas sobre os
quais se funda a aceitação
geral, fundamento do que
é provável (ARISTÓTELES)**



**Um excelente ponto de
partida para uma redação,
mas um péssimo ponto de
chegada!**

“Em primeiro plano, vê-se que a intolerância contra religiões afro-brasileiras tem suas raízes nos tempos coloniais. No entanto, não é razoável que ainda haja uma religião que subjugue as outras, pois esta é uma forma de preconceito.”

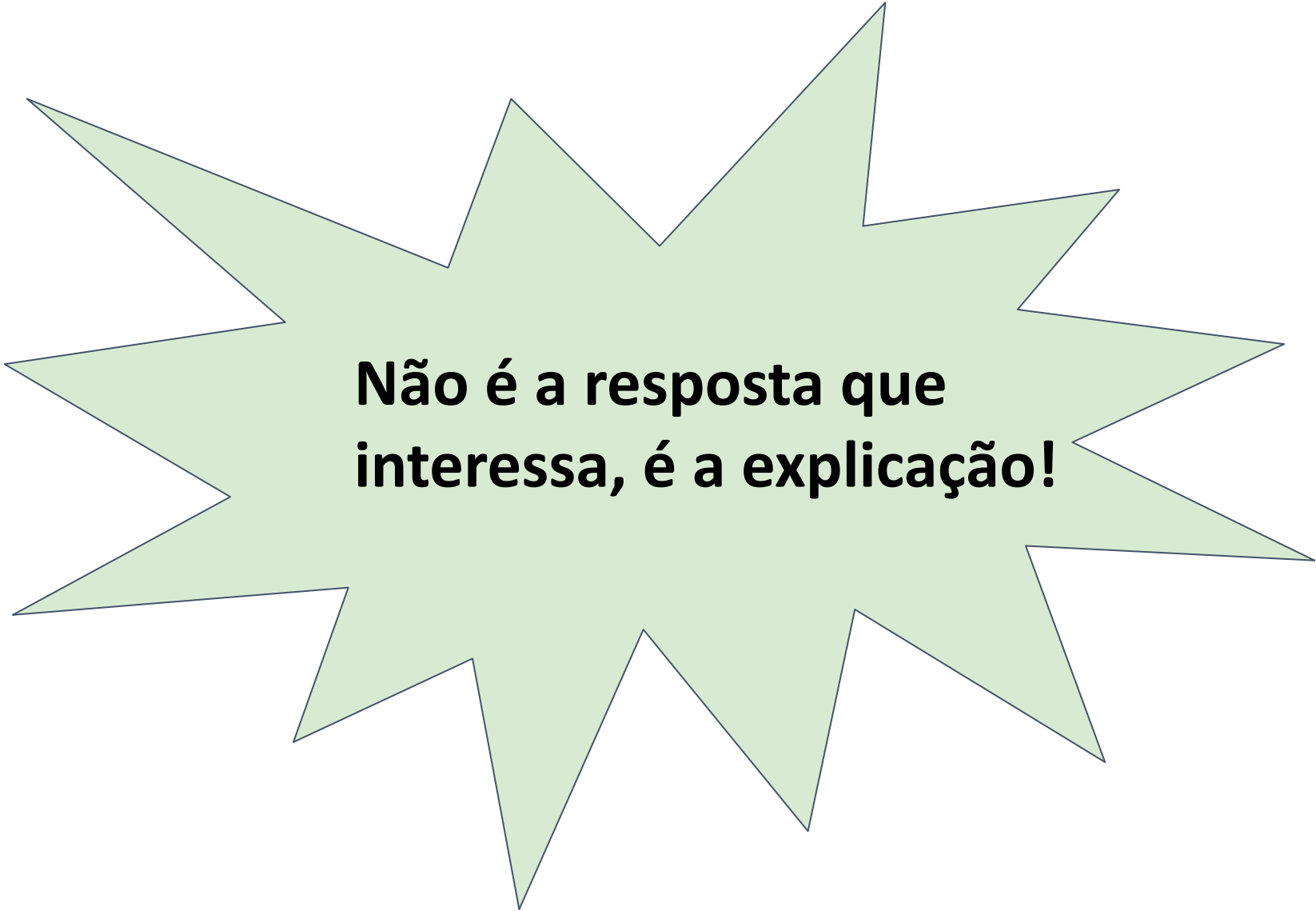
“Em primeiro plano, vê-se que a intolerância contra religiões afro-brasileiras tem suas raízes nos tempos coloniais. Pois, nesse momento da história brasileira o catolicismo era considerada a única religião permitida e todas as demais eram perseguidas, através da Inquisição promovida pela igreja católica, por exemplo. No entanto, não é razoável que ainda haja uma religião que subjugué as outras, pois esta é uma forma de preconceito.”

“Em primeiro plano, vê-se que a intolerância contra religiões afro-brasileiras tem suas raízes nos tempos coloniais. Pois, nesse momento da história brasileira, a imensa maioria da população de origem africana havia sido trazida à força como mão de obra escrava. Nesse sentido, a subjugação das crenças e religiões desses povos fazia parte do projeto de dominação política e econômica do Estado colonial. No entanto, não é razoável que ainda haja uma religião que subjugué as outras, pois esta é uma forma de preconceito.”


Na Aula passada foi colocada a situação das novelas e qual espaço pessoas negras ocupavam.

Qual era?

Por Que?



**Não é a resposta que
interessa, é a explicação!**



https://www.youtube.com/watch?v=cBd--SRZiw8&t=1s&ab_channel=CasteloR%C3%A1-Tim-Bum

5 PERGUNTAS IMPORTANTES:

Qual é o problema?

Por que isso é um problema?

Por que esse problema existe?

O que apoia meu ponto de vista sobre o problema?

Como se resolve o problema?

Em primeira análise, vale destacar que os surdos são alvo de preconceito e são vistos erroneamente como incapazes, o que afeta negativamente o desempenho escolar desse grupo. Isso é frequentemente manifestado na forma de violência simbólica, termo do sociólogo Pierre Bourdieu, que inclui os comportamentos, não necessariamente agressivos física ou verbalmente, que excluíam moralmente grupos minoritários, como as pessoa com deficiências auditivas. Dessa forma, as vítimas dessa agressão simbólica tenderiam a se isolar, gerando, por exemplo, evasão escolar e redução da procura pela qualificação profissional e acadêmica por esses deficientes.

Em primeira análise, vale destacar que os surdos são alvo de preconceito e são vistos erroneamente como incapazes, o que afeta negativamente o desempenho escolar desse grupo. Isso é frequentemente manifestado na forma de violência simbólica, termo do sociólogo Pierre Bourdieu, que inclui os comportamentos, não necessariamente agressivos física ou verbalmente, que excluíam moralmente grupos minoritários, como as pessoa com deficiências auditivas. Dessa forma, as vítimas dessa agressão simbólica tenderiam a se isolar, gerando, por exemplo, evasão escolar e redução da procura pela qualificação profissional e acadêmica por esses deficientes.

Primeiro ela faz uma afirmação sobre os efeitos negativos relacionados ao problema.

Em primeira análise, vale destacar que os surdos são alvo de preconceito e são vistos erroneamente como incapazes, o que afeta negativamente o desempenho escolar desse grupo.

Primeiro ela faz uma afirmação sobre os efeitos negativos relacionados ao problema.

Depois ela explica como esse efeito negativo acontece. Saindo do senso comum que seria apenas falar que é preconceituoso.

Isso é frequentemente manifestado na forma de violência simbólica...

Primeiro ela faz uma afirmação sobre os efeitos negativos relacionados ao problema.

Depois ela explica como esse efeito negativo acontece. Saindo do senso comum que seria apenas falar que é preconceituoso.

E conclui com mais algumas consequências negativas.

Em primeira análise, vale destacar que os surdos são alvo de preconceito e são vistos erroneamente como incapazes, o que afeta negativamente o desempenho escolar desse grupo. Isso é frequentemente manifestado na forma de violência simbólica, termo do sociólogo Pierre Bourdieu, que inclui os comportamentos, não necessariamente agressivos física ou verbalmente, que excluíam moralmente grupos minoritários, como as pessoa com deficiências auditivas. Dessa forma, as vítimas dessa agressão simbólica tenderiam a se isolar, gerando, por exemplo, evasão escolar e redução da procura pela qualificação profissional e acadêmica por esses deficientes.

TEXTO I

Herança – o legado de crenças, conhecimentos, técnicas, costumes, tradições, transmitido por um grupo social de geração para geração; cultura.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009 (adaptado).

TEXTO II

As culturas africanas e afro-brasileiras foram relegadas ao campo do folclore com o propósito de confiná-las ao gueto fossilizado da memória. Folclorizar, nesse caso, é reduzir uma cultura a um conjunto de representações estereotipadas, via de regra, alheias ao contexto que produziu essa cultura.

OLIVEIRA, E. D. A epistemologia da ancestralidade. **Entrelugares:** revista de sociopoética e abordagens afins, 2009.

TEXTO III



PAULINO, R. Ainda a lamentar. In: GONÇALVES, A. M. **Um defeito de cor:** romance. Rio de Janeiro: Record, 2024 (adaptado).

TEXTO IV

História afro-brasileira nas escolas: professoras comentam avanços e dificuldades

As aulas sobre escravidão eram motivo de vergonha para uma professora quando ela estudava em uma escola municipal na zona sul de São Paulo. “Era o meu pior momento na escola”, lembra a ex-aluna. Naquela época, a história da população negra no Brasil era reduzida ao horror do período escravocrata. Não se falava na escola sobre temas como a história e a cultura afro-brasileira, muito menos sobre as grandes personalidades negras do país, como Luiz Gama e Carolina Maria de Jesus.

A pedagoga, que é negra, tem orgulho de oferecer uma experiência diferente da que viveu em sala de aula para seus alunos. Agora os livros infantis levados para as turmas têm protagonistas pretos. Temas como a beleza do cabelo crespo e o combate ao racismo fazem parte do dia a dia da escola.

Disponível em: <https://jornal.unesp.br>. Acesso em: 3 jun. 2024 (adaptado).

TEXTO V

Histórias para ninar gente grande

G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira
(samba-enredo de 2019)

Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra
Brasil, meu denço
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato

Brasil, o teu nome é Dandara
E a tua cara é de cariri
Não veio do céu
Nem das mãos de Isabel
A liberdade é um dragão no mar de Aracati
Salve os caboclos de julho
Quem foi de aço nos anos de chumbo
Brasil, chegou a vez
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês

Disponível em: www.mangueira.com.br.
Acesso em: 30 maio 2024 (fragmento).

TEXTO VI

Alunos de escola municipal conhecem pontos do Rio que retratam relação com a África



Foto: Brenno Carvalho / O Globo

Alunos admiram grafite de Zumbi dos Palmares na Pedra do Sal.

Disponível em: www.oglobo.com. Acesso em: 29 maio 2024 (adaptado).



Programa de **Capacitação** e **Integração de Lideranças Sociais**

Realização:



Patrocínio:

INTEGRAÇÃO
METROPOLITANA

